

(1) Armando Garms

(2) Sérgio Paulo do Carmo Alves

(3) Adalberto Leister

Proposição de trabalho

Este trabalho foi elaborado como conclusão do Curso de Pós-Graduação na Universidade de São Paulo, denominado: "Bairros Rurais no Estado de São Paulo", ministrado pela Prof.^a Dr.^a Liliana Laganã em 1982. A nossa tarefa consistia em tomar um bairro rural e analisá-lo de acordo com os elementos caracterizantes contidos na clássica obra de Antonio Cândido: "Os Parceiros do Rio Bonito".

Evidentemente a proposta não envolvia a pretensão de se elaborar uma pesquisa científica, mas sim um "aproach", ou simplesmente a investigação de um bairro rural, com o objetivo de verificar até que ponto os elementos caracterizantes encontrados apresentavam similitude com os estudados por parte de Antonio Cândido.

Para executar a nossa tarefa tomamos como laboratório uma comunidade rural constituída por elementos oriundos da Araraquarense - na sua quase totalidade de ascendência italiana - que se instalou no Município de Paraguaçu Paulista, numa área denominada de "Bairro Rural do Campinho".

Neste trabalho procuramos conhecer a comunidade sem a preocupação de situá-lo dentro do complexo de problemas que caracterizam a vida rural do "interland" paulista, como propõe Antonio Cândido e sem o propósito de realizar um estudo da comunidade em seu strictu sensu.

A nossa pesquisa de campo fundamentou-se na fixação e, posteriormente, análise - de depoimentos orais de anti

(1) Professor Assistente junto ao Departamento de Geografia Humana e Regional do IPEAPP/UNESP.

(2) Professor Auxiliar de Ensino junto ao Departamento de Geografia Humana e Regional do IPEAPP/UNESP.

(3) Professor Assistente junto ao Departamento de Cartografia do IPEAPP/UNESP.

gos moradores do bairro, notadamente do Sr. Otávio Maioli, aí fixado desde 1938 e um dos últimos remanescentes dos "migrantes oriundos da araraquarense".

INTRODUÇÃO

A área objeto deste estudo situa-se no Sudoeste Paulista, no extremo leste da região tradicionalmente conhecida como "Alta Sorocabana", por onde teve início a efetiva ocupação e povoamento de toda essa faixa que se estende em direção à porção mais ocidental do território bandeirante e apresenta-se como uma larga faixa que toma toda a extensão meridional do Planalto Ocidental Paulista compreendido entre os rios do Peixe e Paranapanema.

A referida área é dotada de relevo de topografia relativamente suave, aliás uma característica predominante em todo o Planalto Ocidental Paulista, do qual é parte integrante; condição esta que facilitou, sobremaneira, a penetração de estradas, tendo a ferrovia aproveitado os espigões em sua marcha integradora.

Para a apreensão de uma realidade mais ampla não se deve descuidar do que se passa na periferia desse sistema, isto porque o seu desempenho mantém laços de dependência com os centros mais dinâmicos da economia. Os desequilíbrios, porventura existentes, estão conectados com as relações de produção ocorri-das ao longo de um processo que se encarregou de provocar profundas transformações na estrutura das economias rurais.

É adotando essa perspectiva que julgamos importante o estudo de um pequeno núcleo rural de Paraguaçu Paulista, uma vez que podemos situá-lo na periferia do sistema capita-lista; um elo extremo apenas no encadeamento do intercâmbio econômico, porém um elo igual a centenas ou milhares que compõem a fronteira da economia nacional, parte integrante da economia mundial, fronteira esta sem a qual não teria sentido falar-se em Sistema Capitalista, pelo menos nas dimensões que atingiu em nossos dias.

O Bairro Rural do Campinho, ou o que dele restou, representa até certo ponto, o resquício de uma comunidade cujos laços de coesão fundamentavam-se no parentesco, na unidade religiosa ou nos objetivos econômicos comuns.

Características gerais do bairro

O bairro rural do Campinho é uma área de colonização italiana, situado ao norte do município de Paraguaçu Paulista, próximo à divisa com Borã, ocupando a margem esquerda do que poderíamos chamar "alto" Ribeirão do Alegre e é atravessado pela rodovia estadual SP-421 que, seguindo uma direção meridiana, articula Paraguaçu com seu vizinho supra citado.

A malha fundiária do referido bairro rural apresenta-se como uma série de estreitos e alongados lotes, perpendiculares ao principal curso d'água que atravessa a área, conhecido como Ribeirão do Alegre.

Concentrados na porção ocidental do bairro rural do Campinho vamos encontrar seu habitat rural nitidamente estruturado de forma linear, com o aspecto de duas linhas paralelas entre si, uma ao longo de cada margem do Ribeirão do Alegre, acompanhando os caminhos ou estradas rurais mais antigos do lugar.

O bairro do Campinho inscreve-se na área do município de Paraguaçu Paulista coberta originariamente com a exuberante mata latifoliada tropical na qual, as espécies vegetais encontradas, como a peroba, o pau d'alho, as figueiras e cedros brancos, eram tomadas como uma demonstração da excelente fertilidade natural do solo. (1)

Derrubada a mata, teve início a ocupação agrícola intensiva do espaço conquistado com a cultura do café. Tal atividade, exercida continuamente, acabou por empobrecer os solos, particularmente a porção centro e sul do bairro, constituida por latosol vermelho-escuro, fase arenosa, já em si pouco adequados à agricultura. Resistiu mais à cafeicultura a porção norte do bairro, onde predominam solos podzolizados de Lins e Marília, variação Marília, considerados bons para a agricultura, cobrindo

(1) TEIXEIRA, M.A. - Organização do Espaço Rural no Município de Paraguaçu Paulista. (Dissertação) - USP, São Paulo, 1979.

contudo apenas 4,3% da superfície do município.

Apesar da queda de produtividade demonstrada pelos cafezais de Paraguaçu Paulista, é no bairro do Campinho, principalmente na sua parte norte, que se concentra a maior parte dos poucos cafezais ainda existentes no município.

A concepção do bairro

"... o bairro aqui começa, pega la em cima (norte) divisando com a fazenda do Ary "San são" (Assumpção)... hoje é outro dono não sei nem quem é ele... e pegava aqui parte da Colonha Seca (Colônia Seca) e descia aqui pros Guedes... ali... e ia até em Sapetal, que era tudo fazenda do Maricatti, que ele tinha mil e tantos alqueires..."

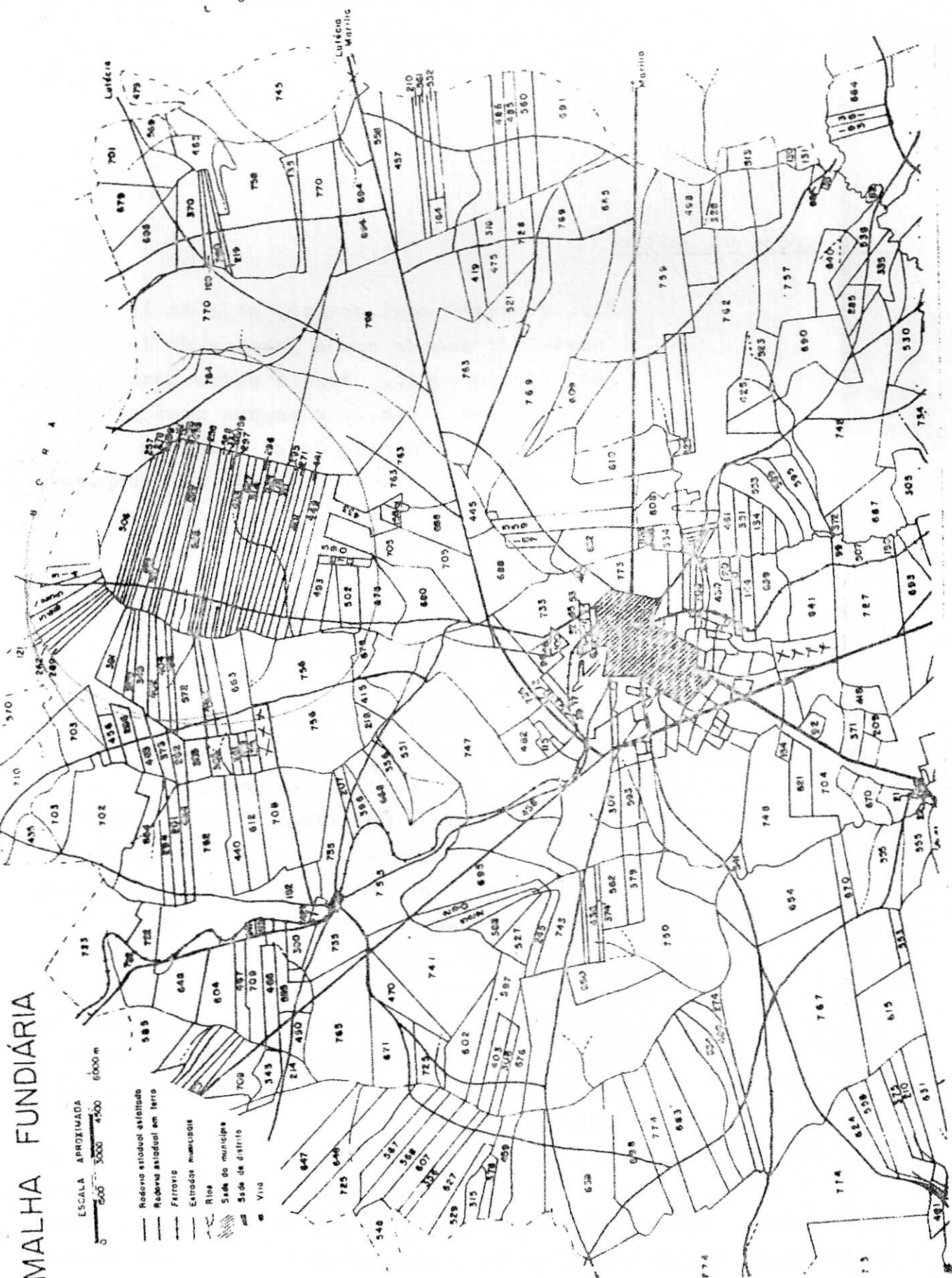
"... Os antigos mesmo foi o cunhado meu que já faleceu. O Igrêjio que já faleceu. Tudo eles era de quando descobriu isso aqui. Agora, quando eu cheguei já veio um irmão meu, que ele está em São Paulo. Ele veio uns treis anos antes de mim e eu quando cheguei já estava tudo descoberto... Eu não sei... Eu nem alembro... de 30 prã cima. No tempo da revolução nōis estava lã na parte de Catanduva... Aqui era tudo mato, tinha sō uns pedacinhos derrubado nas cabeceiras... Aqui tinha muita peroba, canelão, cedro, tinha muita madeira... Casas aqui tinha a do Igrêjio, dos Pilão do Pedro Querin e tinha o Augusto "Tomazini" (Tomazini), que está prã São Paulo e tinha um tal de Juca Moraes, também que já é falecido..."

Esta concepção expressa pelo Sr. Maioli, traz os elementos que exprimem a sua visão do que seja o bairro rural do Campinho. De um lado dá a sua configuração, a sua base territorial, limitando-o através de outras unidades rurais. De outro, embora mais difícil de se percebê-la, expõe o seu sentimento de lo

MUNICÍPIO DE PARAGUAÇU PAULISTA MALHA FUNDIÁRIA

ESCALA APROXIMADA
 0 500 1000 1500 2000 2500 3000 3500 4000 4500 5000 6000 m

- Rodovia estadual e estadual
- Rede de abastecimento em terra
- Ferrovias
- Estradas municipais
- Rios
- Sede do município
- Sede de distrito
- Vila



calidade, quando reporta-se ao início, aos primeiros desmatamentos, às famílias, pessoas e casas e à existência de relações entre elas.

A ocupação da área

"... Quando nós viemos pra cá, já tava com prado (as terras). Foi o finado pai meu. Do tal de Maricatti (Maricatto). Esse Maricatti era de Jaboticabal... Trouxe um cunhado meu, o Augusto Tomaizin que era amigo do Maricatti. Foi ele que trouxe a turma pra cá... Os lote aqui uns comprou 20, outros 10, outros 15 (alqueires)... Só tinha meu finado sogro que comprou 40 alqueires..."

"... Naquele ano (35 ou 36), viemos uma porção, né. De lá viemo duas ou três famílias. O resto veio tudo de Jaboticabal, naquele ano. Foi um cunhado meu que era amigo desse tal de Maricatti. Então ele disse que esse Maricatti tinha essa terra prá vender e foi aí onde ajuntou o povo e veio... de Jaboticabal. Já foi buscar nós na parte de Catanduva e viemos ver aqui..."

"... O que loteou foi o filho do Maricatti mesmo, que era engenheiro. Eu não conheci ele..."

Estes fatos mostram que a ocupação da área se faz de modo diferente, não só pela posição espacial e temporal, mas, também, quanto ao processo geral colocado e analisado por Antonio Candido. Este, no primeiro capítulo de sua obra, analisa com brevidade os aspectos referentes à obtenção dos meios de vida e propõe estudar os elementos diretamente ligados à manutenção da vida e o estudo das formas de vida social, em que tudo se relaciona a uma vida social de tipo fechado com base na economia de subsistência, favorecida pelo povoamento disperso. Esta economia de subsistência fundamentada numa agricultura itinerante, favorecida não apenas pelas reservas de terras novas e férteis, imensas para

uma população esparsa, como também, pelo sistema de sesmarias e posses, sobretudo estas que abriram para o caipira a possibilidade constante de renovar seu chão de plantio, sem qualquer onus de compra ou locação.

Portanto, o surgimento do bairro rural do Capinno não se encontra dentro da linha geral do processo que determina a ocupação primeira do território paulista, isto porque constitui uma pequena área da frente pioneira no oeste paulista, nos meados da década de 1920. Naquele momento e nos anos posteriores, a área em questão é ocupada pela posse legítima de pequenos lotes contíguos, resultantes do loteamento de uma fazenda, caracterizando um certo adensamento, tanto populacional quanto do habitat, evidentemente vinculados aos centros urbanos, seja através da origem de seus ocupantes, seja pelas relações iniciais ou posteriores ao momento do loteamento ou pela organização deste espaço, que desemboca na existência do bairro rural, este como unidade fundamental do agrupamento social.

Ajustamento ao meio

Assinala Antonio Cândido, "que no passado o ajustamento dos grupos caipiras se dava em relação a um meio total, em que se absorviam de certo modo, formando com ele uma espécie de continuidade. Atualmente, o ajuste se dá não em relação a este meio global e imediato, mas a vários, imediatos e mediatos, devido à fragmentação daqueles e ao estabelecimento de novas relações com o mundo externo".

"A princípio o meio representava para o grupo uma totalidade, cujos limites coincidem com os limites da atividade e mobilidades grupais. Havia entre as atividades e o caipira uma correlação estreita, e todas elas representavam, no conjunto, síntese adaptativa da vida econômico-social. Assim é que o trabalho agrícola, a caça, a pesca e a coleta não eram práticas separadas e de significado diverso, mas complementares, significando cada uma de per si, e todas no conjunto, os diferentes momentos dum mesmo processo de utilização do meio imediato".

"Magia, medicina simpática, invocação divina, exploração da fauna e da flora, conhecimentos agrícolas fundem-se, deste modo, num sistema que abrange, na mesma continuidade, o cam

po, a mata, a semente, o ar, o bicho, a água e o próprio céu. Do brado sobre si mesmo pela economia de subsistência, encerrado no quadro dos grupamentos vicinais, o homem aparece, ele próprio, como segmento de um vasto meio, ao mesmo tempo natural, social e sobrenatural".

"Havia se estabelecido entre o grupo caipira e o meio um equilíbrio fundado na utilização integral deste, representado como um todo contínuo pelo homem e o grupo. Todo contínuo que se fragmentou sob a influência de duas ordens de fatos: primeiro, modificações do meio, de vidas à fixação dos grupos; segundo, transformações na organização econômica e social".

"Quando determinado meio se exauria, havia uma correção da situação e do desequilíbrio que poderia advir pela modalidade - esta recriava o meio e garantia o equilíbrio. Entretanto, quando alterações do ambiente circundante não podem ser compensadas por esta forma, surgem as condições de desequilíbrio e crise. A mobilidade é limitada pelo sistema de propriedade - agora legal - e pela densidade demográfica. A dependência crescente em relação ao mercado submete o homem rústico a outras esferas de influência; o incremento do trabalho agrícola reduz ao máximo a margem de tempo disponível para as atividades de coleta, caça, pesca".

Observa-se atualmente, a formação de novos sistemas de dependência ecológica, por meio dos quais a vida do grupo de vizinhança, perdendo a sua autonomia, passa a depender de novas esferas de relações, conforme o setor de vida considerado.

Enquanto certas atividades, como o trabalho agrícola, requerem o estabelecimento de relações intergrupais, já a vida religiosa leva ao contato entre bairros. A obtenção dos bens de consumo amplia o campo interativo, que então é centralizado pela vila. No caso de compra de objetos corriqueiros, o âmbito ainda é mais amplo, criando dependências várias em relação aos centros regionais de raio menor, através dos quais se estabelece o contato indireto com centros distribuidores de produtos manufaturados e consumidores de produtos regionais.

O desenvolvimento das relações comerciais ilustra claramente a mudança de dependência ecológica. Antes os raros bens propriamente comerciais, adquiriam-se dos mascates. O centro urbano, seu equipamento e usos como que se deslocava, por meio do vendedor ambulante. Mais tarde, além do comércio nas vi

las surgiram as "vendas" de bairro. Nesta etapa, formava-se uma mobilidade parcial nas relações dos grupos de vizinhança, que tomavam como ponto de apoio os referidos estabelecimentos. Finalmente a dependência em relação à vila acentua-se de tal modo que as atividades comerciais são agora centralizados por ela.

Nos primórdios do processo de organização do bairro do Campinho, a fixação da população se faz, como já ficou caracterizado, em pequenos lotes e com posse legal definida. Esta forma de fixação no espaço ocorre naquela que seria a fase de mudanças, proposta na obra de Antonio Cândido, não resultando, portanto, de modificações ocorridas no meio. Não há fragmentação do mesmo, para a sua posterior recriação e reajustamento, mas sim o surgimento de uma estrutura nova em um meio novo e ainda não organizado.

Algumas décadas após a sua origem, o bairro apresenta sintomas de declínio, o que leva seus integrantes a uma mobilidade, que raramente se faz em busca de novas áreas rurais, mas na sua grande maioria em direção aos centros urbanos, culminando com a atração que as gerações novas têm em relação à metrópole paulistana. Alguns permanecem com a posse da propriedade no bairro e fixam-se na cidade, gerando um movimento pendular entre esta e aquela, mas com dependência urbana quase que total.

"... Nunca quiz sair, porque os filhos ficaram... Aqueles que saíram (outras famílias, não a sua) tiveram vários motivos: a saída dos filhos... asveis alguns foi outros não, que nem esse meu cunhado que foi pra São Paulo... esse tinha os filhos que estudaram. Outros foram para o Paraná, aí o velho ficou e foi embora pra São Paulo e outros mudaram pra Paraguaçu e hoje tem muitos lá, que moram em Paraguaçu, e vem aqui, tem a propriedade aqui. O Alcides Pilão, Tércio Pelegrini ... tem uma porção aí... tudo mora lá e trabalha aqui... Alguns vendeu a propriedade, mas tem muito pouco. Os que permeceram com a propriedade continuam, muitos deles, morando no bairro, na propriedade... moram sim... tudo esses que nem os Querin, o Roberto aí em baixo, os Pilão... tudo ali pra baixo... São daqueles tempos, né".

Ao longo de todo o processo de sua organização e estruturação, o bairro rural do Campinho mostra que todas as suas relações e dependência são em favor do meio urbano, guardando no plano econômico, através das relações comerciais, uma certa similitude com a área estudada e apresentada por Antonio Cândido, seja como consumidor de bens e serviços ou como fornecedor de matérias primas.

As etapas das relações comerciais estão presentes, desde as "vendas" até a centralização total que os centros urbanos apresentam no momento atual.

Portanto, não há uma recriação ou reajustamento do bairro como uma organização tradicional e em mudança, mas, trata-se de uma estrutura nova, conseqüentemente de período mais recente, com relativo desligamento do meio natural e maior dependência em relação aos centros urbanos.

"... As vendas existiam em duas, que desaparece uma. As vendas são depois da chegada. Ali vendia de tudo: arroz, açúcar, farinha. Vendia de tudo... bebidas. É, naquele tempo depois o povo comprava aqui. Depois acabou com a venda. Então eles puseram o barzinho aí, só de bebida e então tudo ia prá Paraguaçu fazer compra. Comprava a dinheiro mesmo. Chegava lá e comprava... Ali (na venda), uns comprava quase no dinheiro... a maioria no dinheiro..."

"... Tudo comprava de lá (da cidade de Paraguaçu Paulista): farinha, açúcar, essas coisas era de lá..."

"... Tudo de Paraguaçu. Ia lá buscar remédio, né. Tinha uma farmácia aqui no Borá (município mais ao norte, uns 10 km)... Quando era doencinha assim leve, levava na farmácia. Agora, negócio de médico, era só Paraguaçu... Remédios caseiros não tinha... A nação que estava aqui não sabia fazer remédios... De vez em quando aparecia algum (curiosos, benzedores)... Esse negócio de benzer é mais de brasileiro, preto que usavam mais, né..."

As atividades econômicas

Mesmo com a exiguidade de fatos e elementos apresentados pela entrevista realizada, percebe-se que há uma estrutura de sociabilidade na área. Constitui um agrupamento de várias famílias que chegaram a somar quase um milhar de pessoas...

"... Deve ser... acho que foi em 26, 27 ... depois quando eu vim, naquele ano já foi chegando muitas famílias... Aqui já chegou a ter umas quinhentas ou mil pessoas..."

todas mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, convivência, práticas das formas de solidariedade e pelas atividades lúdico-religiosas. As habitações, que pela própria forma de loteamento e estabelecimento da via de circulação na meia encosta e cortando os lotes neste ponto, foram dispostas mais ou menos próximas e de forma linear, sugerindo a idéia de um povoado ralo, onde a escola, a venda e a igreja, não muito distantes uns dos outros, completam o quadro.

Entretanto, sente-se que há pequena interação entre os elementos de sua estrutura social, podendo-se caracterizá-lo, segundo Antonio Cândido, em um bairro de unidade frouxa.

O que há, bastante marcante desde os seus primórdios, é a subordinação ao núcleo urbano.

A economia de subsistência é efêmera, ocorrendo nos primórdios do bairro. Dominam quase que imediatamente ao loteamento e permanecendo até os dias atuais, as atividades agrárias de caráter comercial, dentre as quais o café constitui o principal produto.

"... mata derrubada era vendida na cidade. Após a derrubada da mata plantavam o café e outros produtos... plantava cereais, arroz, feijão, um pouco de milho... o que sobrava vendia. Num era muito fácil vender naquela época, naquele tempo era muito baratinho, né ... e tinha muita fartura..."

"... Aqui se vendia arroz, feijão, milho ... quem coia de sobra, vendia... Outros plantavam um pouco de algodão também..."

"... É café. O mais aqui é café e planta ar"

roz, feijão, milho... Gado, cada um cria lá suas vaquinhas, mais é pouco..."

"... As terras era boa. Lã de primeira, num era, mais dava muita coisa. Cafê mesmo, dá bom, né... Cafê nóis tem aqui que já tem uns 30 anos ou mais. Agora já teve cafê aqui que aturou 40, 50 anos... Agora tá se formando miô cafê aqui. A gente planta de balainho, a muda é grande... Primeiro (no passado) plantava de carôço e levava quatro anos prá dá uma fruitinha, né. Agora com dois anos, já dá bem fruta..."

O bairro surge como fruto da expansão capitalista que o incorpora progressivamente à esfera da economia moderna.

Além dos bens de consumo e serviços, obtidos na sua quase totalidade através de compras na cidade, sentem a necessidade de utilizar produtos e técnicas modernas na recomposição de sua terra exaurida ao longo das décadas de uso e na recuperação de sua produção. Ao realizar tais esforços, fazem-no abandonando dos poucos elementos que conservam da sua organização passada, mesmo que recente, seja social ou econômica.

"...Não o cafê... Bom, teve um tempo que não se pnhava adubo, e agora tem que por adubo, esterco, senão... Aqui nóis põe adubo e agora tamos usando aquela bosta de galinha, estrume de galinha; esterco de vaca, também. De mangueira... tudo tem que comprar. Tem em Paraguaçu, e a gente compra lá... Em Bastos... Aí não pnhava não (quando chegaram), nem prá plantação, nada. Não havia veneno. Nada naquele tempo, né. Hoje precisa por tudo... Planta arroz, tem que por veneno; planta milho, já tem bicho comendo a folha... Naquele tempo não havia praga... As pragas mesmo acaba tendo de uns anos para cá... de uns 15, 20 anos prá cá... Primeiro (passado) não se pnhava nada.

"... Mantimentos prá plantar aqui, agora são com adubo. Se for sem adubo... Aqui sempre

se plantou... Naquele tempo se vendia muito arroz... Desde que nóis chegemos, aqui to dos os anos coia. De uns anos pra cá começou a cair... Agora a maior força é só pro gasto. Planta só pro gasto. Sobra algum saco, mais é muito pouco... Uns cria (porco), outros já não cria. Que nem esse meu irmão aí, esse sempre vende porco gordo. Agora nóis só cria pro gasto... Leite agora nóis tem muito pouco. Sô tira pro gasto da casa. Agora, naque le tempo se vendia leite... Há uns deis anos atrais, vendia leite no laticínio, aqui em Paraguaçu... Nóis só tem uma vaca de leite, só pra criançada beber o leite... Nóis tinha mais vaca de leite. Aconteceu que uma vaca no sítio, lã em cima, num sei o que deu na vaca, começou a chifrar as outras e babar muito. Aí chamaram o veterinário. Ele veio e tiraram o miolo dela. Aplicaram uma injeção e a vaca daí a pouco morreu; aí tiraram o miolo dela e mandaram prá São Paulo, mais disse que não deu nada... Num sei o que foi aquilo. Por isso, tem mais vaca de leite, mas não tiraram mais com medo..."

As formas de solidariedade

No seu trabalho, Antonio Cândido, apresenta a existência de formas de solidariedade, que sofrem mudanças dentro do grupo ou do bairro, ao longo do tempo. Assinala que na so ciedade caipira sua manifestação mais importante é o mutirão, lembrando que qualquer que seja ela, é prática tradicional realizada principalmente no campo econômico.

Além desta, outro elemento de definição da sociabilidade vicinal é a atividade lúdico-religiosa - complexo de atividades que transcendem o âmbito familiar, encontrando no bairro a sua unidade básica de manifestação. Sob este aspecto de fine o bairro como grupamento mais ou menos denso de vizinhança, cujos limites são definidos pela participação dos moradores nos

festejos religiosos locais: os mais amplos organizados com o apoio da capela consagrada a determinado santo; os mais formais, promovidos em caráter doméstico.

No bairro do Campinho estas e outras manifestações de solidariedade são percebidas, embora não apresentem as mesmas formas e não sejam tão marcantes.

"... Havia sim. Isso foi logo em 38, 39, por aí, que um ajudava o outro. As vezes, plantava uma roça de milho, grande né, e depois tudo ia de noite ajudar aquela família debuíã ... Depois aquela já vinha com outro e assim a gente ajudava um o outro. Era ajuda somente no período, época da safra. Na construção da casa não. Casa cada um fazia a sua. Arrumava carpinteiro e fazia. Era tudo de madeira naquele tempo..."

"... A igreja não existia antes... A igreja foi o povo daqui mesmo que fez... Tudo juntamos um pouco de cada um e paguemo pra fazer a igreja... Nóis sô pois os pedreiros. Os pedreiros eram pessoas do bairro..."

"... O padre era da cidade (Paraguaçu Paulista)... O padre era de Paraguaçu mesmo. O bairro nunca teve padre... é teve uma porção de padre aqui, acho que uns seis ou sete padres. Saia um, já entrava outro. Vinha todo fim de mês rezar uma missa... Batizado foi feito agora uns poucos anos atrás. De primeiro não tinha... Casamento, tudo ia pra Sapesal ... Da Cachoeira prá lá pertencia prá Paraguaçu, agora, pra cá era tudo Sapesal..."

"... A escola aqui nós mesmo fizemos... Ainda etã ali perto da igreja; e aí veio morar uma professora aqui..."

"... Havia bailinhos da rapaziada, que eram promovidos pela rapaziada mesmo... Depois que fez a igreja, todo ano tinha festa ... Quem escolheu (escolheu) o padroeiro foi um preto antigo (velho), já falecido... ele pediu para o povo se podia por o São Benedito

na Igreja... o povo aceitou... Era um preto que trabalhava no bairro como empregado... A festa eles faziam dia de... num sei se era de Nossa Senhora Aparecida ou São Benedito..."

"... Jogo, tinha só jogo de futebol. Tinha um campo aqui em baixo. Aqui jogava futebol dia de domingo... A bocha também tinha... Os Querin... ali no Pedro Querin tinha uma venda ali, um bar... então ali tinha jogo de bocha. Tinha bar e jogava os véio... jogava suas bisquinhas até o tempo passar..."

Assim, no Campinho, a manifestação da solidariedade vicinal através do mutirão ocorre não como uma manifestação que reforce a vida grupal. Hoje desaparecido no bairro, constituía elemento que solucionava o problema da mão-de-obra nos grupos de vizinhança, suprimindo as limitações da atividade individual ou familiar, manifestada pelo Sr. Maioli, quando diz:

"... trabalhava a família só. Cada um num sítio..."

Outro aspecto a ressaltar é aquele de que o mutirão ocorria tão somente no plano econômico, sendo sua caracterização como forma de solidariedade não social expressa na seguinte frase:

"... Isso fazia... Tudo mundo fazia pamonhada no tempo do milho verde. Cada um fazia a dele..."

A vida lúdico-religiosa do bairro constitui elemento pouco definidor da sociabilidade vicinal, tanto hoje como no passado, o que pode ser percebido pela insegurança quanto ao momento da realização da festa anual na capela cujo padroeiro é escolhido por elemento não pertencente ao bairro, enquanto grupo e face à sua origem. Além destes, outro fato mostra a fragilidade desta sociabilidade vicinal religiosa: os sacramentos religiosos - batizado, casamento -, que comumente levam à sociabilidade de eram ministrados fora do bairro.

Além destas, formas novas de solidariedade, características de períodos mais recentes, surgem no bairro: os bailinhos, o campo de futebol e seus jogos domingueiros, o jogo

de bocha, a bisca e o bar da venda. São elementos da atividade lúdica e que significaram muito mais na sociabilidade vicinal e que nos parecem estarem ligados a usos mais recentes e relacionados à origem étnica dos seus habitantes.

Em outro momento, Antonio Cândido assinala que em alguns casos a presença de núcleos urbanos ou semi-urbanos ameaça a organização dos grupos, havendo a atrofia da vida lúdico-religiosa, permanecendo apenas em parte a antiga sociabilidade do bairro e que no seu lugar surgem algumas formações sociais novas. Entre estas formações novas, há o significado novo adquirido pelos blocos familiares, isto é, a vizinhança imediata de membros da mesma família. Hoje a presença mais marcante dos centros urbanos, enfraquece a estrutura dos grupos de vizinhança dentro do bairro, por outro lado fortalece os blocos familiares, que agora se destacam como o apoio mais certo dos indivíduos e das famílias nucleares.

Parte destes fatos, ou seja, a presença ameaçadora dos núcleos urbanos e o enfraquecimento da vida lúdico-religiosa, já se mencionou acima. A outra parte, referente ao surgimento de formações novas - os blocos familiares - também estão presentes no bairro:

"... Aqui é 10 alqueires. São 20, mais 10 é do meu sobrinho (propriedade ao lado, com residência bastante próxima à sua) e 10 é nosso. E os meninos (filhos) têm mais 27 lá no outro córrego de lá; 25 alqueires aqui em cima, ali perto da fazenda do Ary. Isso é da família toda. Cada fio (filho) tem um 10 alqueires... O meu naquele tempo (no início) era pouco, era só uns 20 alqueires..."

Assim, o aparecimento do bloco familiar, neste bairro, é associado à mobilidade que nele ocorre, pela atração que a cidade exerce e pela ampliação da propriedade familiar, que se faz através da compra de propriedades daqueles que deixam a área, por parte de pessoas da mesma família restando a sua coesão na figura do chefe do bloco familiar, fato que se percebe na posição assumida pelo Sr. Maioli.

As parcelas não são contíguas, mas são vizinhas e pertencem aos filhos, aos sobrinhos, a ele mesmo, e a expressão:

"... tem muito pasto, um pouco de gado tam
bém... um pouco de milho. Este ano mesmo já
vendemos uns cento e tantos sacos de mi-
lho..."

caracteriza que a ocupação, produção e comer-
cialização que ocorrem nestas parcelas, soam como posse comum.

Em outro momento, menciona o autor de "Os
Parceiros do Rio Bonito", que há ainda práticas de solidariedade
de vizinhança, que promovem a interdependência das famílias e,
portanto, contribuem para integrá-las no grupo. Toma a oferta de
alimentos como uma destas práticas.

A troca delimita no grupo, blocos de solida-
riedade interfamiliar que reforça a integração. No passado as tro-
cas alcançavam todos os vizinhos, quando esta vizinhança era de
bairro. Na prática alcançava um certo número de casas próximas den-
tro do bairro. A rarefação e a proximidade atual dificultam esta
distribuição, pelo problema de excluir este ou aquele vizinho. O
critério passa a ser o parentesco, reforçando uma vez mais os blo-
cos familiares, de cuja solidariedade a oferta torna-se um elemen-
to.

Estes fatos existem, de certa forma no Campi-
nno, com a oferta de alimentos. Esta ocorre com mais intensidade
nas primeiras décadas do bairro, estando hoje praticamente desapa-
recida. Resta, nos dias atuais, a troca que é muito mais fruto de
uma das formas de obtenção de alimento que as famílias ainda con-
servam, ou seja a criação e a engorda de algumas cabeças de por-
cos. Alguns elementos da família realizam estas criações com algu-
ma escala, tendo em vista a sua comercialização.

"... Quando matava um porco, com os vizinhos
sempre repartia. Mandava pro vizinho daqui,
dali. Quando eles matava, mandava; quando eu
matava, mandava... Assim ia, né... Uns cria
porco, outros já não cria mais (no presente)
... Que nem esse meu irmão aí (vizinho bas-
tante próximo), esse sempre vende porco gor-
do. Agora nós só cria pro gasto..."

A alimentação

"... Comida aqui era arroz, feijão, carne. (arroz, feijão... o italiano gosta muito de polenta - intervenção da mulher)... polenta foi muito pouco... filho de italiano que já nasce no Brasil já pegou no arroz, feijão, ma carrão também. A carne nós teve aqui depois de num sei quantos anos. Num alembro bem. Aí puseram um açougue aí (referindo-se às proximidades do local onde existira a "venda") . Quando a carne acabava aí no açougue, ia buscar no Borá, Paraguaçu... carne de "vaca"... Frango, isso aí cada um criava. Porco tinha criação. Nós fazia linguiça bem temperadi - nha, num estragava. Guardava um pouco pra carne, o resto fazia linguiça. Cozinhava, nê (a carne de porco), porque ter ela assim cru não podia. Cozinhava e deixava no meio da banha e num estragava. Nós já sabia (técnica no preparo do alimento). Aquilo já vinha dos antigos, dos vêio (velhos), nê. Doces as veis cada um fazia. Tinha muito mamão, fazia de mamão; fazia de cidra; de outras frutas ... Agora depois de uma porção de anos que nós já tava aqui, vinha de Marília. Vinha doces naqueles carros..."

A dieta alimentar do bairro, considerando-se a descrita acima, corresponde àquela que é básica do caipira na sua fase mais recente, apresentando como elementos diferenciado - res a polenta e o macarrão, incorporados pela sua população de as cendência italiana, fato que é também assinalado por Antonio Cândido.

Além dos alimentos básicos, aparecem as carnes de "vaca", frango e porco. A primeira, que segundo Antonio Cândido é "excepcional na dieta do caipira, constituindo índice de urbanização, ou situação acima da média", parece aqui responder a ambos os conceitos, uma vez que a sua obtenção realizava-se no açougue outrora existente no bairro ou nas cidades próximas e, aparecendo com frequência na dieta alimentar. Quanto ao frango e

ao porco, igualmente frequentes na alimentação desta população, são produções a nível familiar, constituindo, inclusive, no caso do porco, elemento caracterizador de uma das formas de solidariedade vicinal.

Restariam ainda alguns traços que marcam uma relação com a cultura caipira tradicional: a manipulação dos alimentos, no caso a preparação da linguiça e dos doces. Entretanto desapareceram. Mesmo a preparação dos doces, hoje conhecidos como "caseiros", característica bastante comum e forte nas áreas com população descendente de imigrantes, desaparece no bairro, havendo a penetração daqueles feitos na cidade e levados para o seu consumo pelos "carros de doces".

Considerações finais

Outros aspectos devem ser analisados, além daqueles já tratados anteriormente e que estão contidos, não explicitamente na exposição do antigo morador do Bairro do Campinho, mas que são percebidos quando considerados à luz do trabalho de Antonio Cândido.

Não constituem fatos comuns ou que se apresentam semelhantes, mas que refletem a penetração, no Bairro do Campinho, como consequência de um processo amplo, das técnicas e bens de consumo modernos, aliadas à expansão da urbanização e, conseqüentemente, dos mercados redistribuidores de produtos industriais e agrários e consumidores de produtos primários - aqui basicamente o café - geram novas necessidades e dependências que são satisfeitas pelos núcleos urbanos próximos.

Estes fatos ao mesmo tempo modificam a vida rural da área e contribuem para a extinção da autonomia individual do bairro rural como unidade de agrupamento, incorporando-o a uma estrutura mais global, seja da região ou mesmo do Estado. Deste o início os empreendimentos são capitalistas, a partir da posse e uso da terra, que são consolidados pela detenção dos títulos de propriedade.

Em oposição, verifica-se que, na área analisada por Antonio Cândido, há a ocorrência de uma economia rústica e de natureza autárquica voltada quase que exclusivamente para atender à subsistência do grupo familiar e vicinal, pautado pelos

mínimos vitais, acentuados pela precariedade da posse e uso da terra, dada a inexistência dos títulos de propriedade.

A mobilidade social e a natureza da sociabilidade também emergem, mostrando diferenças.

O trabalho de Antonio Cândido mostra a existência de uma mobilidade horizontal e espacial, funcionando como um mecanismo de preservação e recriação da sociedade e da cultura rústicas. Seus fatores são de ordem expulsiva dada a precariedade da posse da terra. Os valores são de uma sociedade tradicional baseada no tipo comunitário (práticas cooperativas, mutirão), revelando-se, em consequência, uma trama de relações sociais mais numerosas e complexas, deixando o bairro de ser o grupo territorial mais importante para o sustentáculo da sociabilidade dos seus membros.

No caso do bairro do Campinho, a mobilidade é vertical ascendente, resultando de fatores de "apelo", mais de ordem social que econômica e levando à integração dos elementos de origem italiana à vida urbana, estruturada numa sociedade de classes. Os quadros de referência de sua sociabilidade são os valores urbanos de uma sociedade do tipo societária.

A análise destes aspectos, tanto de natureza social quanto de natureza econômica, mostra, no bairro do Campinho, que aqueles que fazem parte deste sentem as transformações na organização e estrutura do mesmo procurando adaptar-se a elas, absorvendo e incorporando cada elemento novo, ou reagindo buscando novas áreas rurais e mesmo a cidade, onde no final do processo, por vezes, terminam por proletarizar-se.

Os que permanecem, embora arrastados cada vez mais para o âmbito da economia capitalista e para a esfera de influência das cidades, procuram, a cada passo, ajustar-se às novas condições de vida impostas pelo processo de urbanização do campo.